

# Passagem de uma análise psico-estrutural a uma análise do discurso de 2<sup>a</sup> geração\*

Ida Lúcia Machado  
Universidade Federal de Minas Gerais

## Résumé

L'article en question présente un bref aperçu des rapports susceptibles d'exister entre le structuralisme et la moderne analyse du discours. Pour ce faire, on s'appuie sur certaines théories d' A. Niel et sur une page d'humour de C. Bretécher qui parodie le genre "fait divers". Ensuite, en puisant dans des concepts issus de la théorie sémiolinguistique, on essaie d'établir un "pont" entre des analyses considérées, *a priori*, comme bien éloignées l'une de l'autre.

Este artigo será dividido em três partes. Na primeira, faremos algumas reflexões sobre um tipo de texto altamente sedutor e perverso, cuja natural imanência foi bem trabalhada por autores da época estruturalista, sobretudo Roland Barthes: trata-se do marginal *fait divers*.<sup>1</sup> Na segunda parte, apoiando-nos em conceitos de outro estruturalista francês, André Niel, tentaremos explicar o que compreendemos por “análise psico-estrutural”. Para tanto utilizaremos um texto – sobre *faits divers* – da desenhista francesa Claire Bretécher. Na terceira parte, finalmente, tentaremos mostrar a passagem ou “a ponte” que nos parece ligar uma análise de bases nitidamente estruturalistas à moderna análise do discurso francesa, também conhecida como “AD da 2ª geração”, após terminologia sugerida por Maingueneau (1987).

### ○ FAIT DIVERS

O sintagma *fait divers* anuncia um tipo de escritura jornalística cujo tema é constituído por um acontecimento bizarro tal como: um crime, uma catástrofe, um processo judicial...

Ainda que sejam “*sans grande portée générale*” (ou “sem grande importância”) como o diz o dicionário Larousse, as informações veiculadas pelo *fait divers* estabelecem uma ruptura com as normas que regem a vida em sociedade; tais informações, cuja narração é muitas vezes dominada pelo sensacionalismo, têm o poder de atrair leitores: é que, possuindo um caráter insólito, são paradoxalmente banais. Como o disse Merleau-Ponty (1960, p.388):

“O gosto pelo *fait divers* é explicado por um desejo de ver, e ver é poder adivinhar, na ruga de um rosto estranho, um mundo que é semelhante ao nosso.”<sup>2</sup>

Segundo Norman Holland (1977), todos os leitores são submissos a uma lei inexorável quando lêem um texto literário, ou seja: são levados, instintivamente, a recriar sua própria identidade, através de um mecanismo de defesa e de transformação de fantasmas. Assim, o leitor tem uma natural tendência a se deixar levar por certos escritos, a neles se instalar, não como entidade passiva, mas como participante, num processo de projeção. Ora, esta projeção justifica a leitura de um gênero considerado “menor” e às vezes mesmo “de baixo nível” tal qual o *fait divers*.

O *fait divers* seria assim um local propício para o desenvolvimento de um campo de pulsões e de desejos inconfessados, onde o Bem esbarra sem cessar no Mal. Trata-se de um gênero profundamente maniqueísta, à imagem de seu leitor que, encarando o medo e o perigo – através da leitura – recupera o que é ausente e proibido em sua vida social/real.

Considerando que, em termos de leitura, o emissor da mensagem é o texto escrito, podemos adotar a seguinte “fórmula” de Lacan (1966, p.298): “...a linguagem humana constituiria então uma comunicação onde o emissor recebe do receptor sua própria mensagem, sob uma forma invertida...”<sup>3</sup>

Assim, se o *fait divers* permite ao leitor estabelecer uma espécie de relação sadomasoquista com o texto, o texto deve ser visto não como expressão da neurose de um indivíduo, mas como expressão da neurose de uma cultura. O narrador do *fait divers*, na sua condição de “ser de papel”, como diz Ducrot (1984), pode ter atrás de si um ser social, vítima de recalques como seu leitor: o autor implícito ou *scripteur*, que deixa marcas de sua passagem no texto.

*Scripteur* e leitor participam então do mesmo jogo. Escrever/ler é um jogo; escrever/ler é um gozo. Entra-se, pois, no domínio do princípio do prazer. É lógico que não se deve considerar a realização do princípio do prazer somente como algo ligado à realização de

desejos proibidos, recalçados no inconsciente, no “ça” freudiano, fonte de energia efervescente e instável.

Justamente, no livro *O prazer do texto* (1973, p.62), Barthes fala das “leituras perversas” que implicam uma ruptura e cujo conteúdo perturba o leitor que, mesmo sabendo que está diante de simples palavras, se emociona como se as mesmas enunciassem ou anunciassem uma realidade. Barthes lembra também o prazer que as histórias trágicas, cujo final é previsível, provocam no leitor: “De todas as leituras, a leitura de obras de caráter trágico é a mais perversa: sinto prazer em ouvir uma história da qual conheço o final; sei e não sei, ajo como se não soubesse: sei bem que Édipo será desmascarado, que Danton será guilhotinado, mas mesmo assim...”<sup>4</sup>

Ora, o *fait divers* parece-nos ser o protótipo de uma criação “perversa” em termos de escritura, posto que é trágico; o que, de certa forma, explica o consumo/leitura do gênero em questão.

O *scripteur* (ou autor implícito) tem duas orientações a sua disposição para seduzir o leitor:

- a) operar a síntese dos opostos e desenvolver emoções criadoras;
- b) ou então, apelar para o tom patético.

O *scripteur* do *fait divers* prefere, geralmente, seguir a última direção.

## A ANÁLISE PSICO-ESTRUTURAL E DINÂMICA DE TEXTOS

Em 1973, André Niel publica um interessante livro intitulado *L'analyse structurale des textes*. Niel é um estruturalista confesso; utiliza, por exemplo, em suas análises, modelos estruturais universais que lhe permitem passar, de modo natural, da análise de um poema de Baudelaire à análise de uma reportagem. O que é inovador neste autor, em termos de estruturalismo, é o fato de ter sido um dos primeiros a integrar a afetividade na análise científica das estruturas. Em outros termos, Niel leva em conta a ação de um sujeito dinâmico

e afetivo, seja este o sujeito-emissor, seja o sujeito-receptor. Lévi-Strauss afasta o “sujeito” de suas preocupações, assim como Roland Barthes, que prefere valorizar o que chama de “grandes formas vazias”. Ora, o aspecto inovador (para a época) da Análise psico-estrutural de Niel é o fato de nela reintroduzir, segundo suas palavras, os “sujeitos do pensamento e da criação” como pólos fundamentais da expressão.

É preciso notar que tais sujeitos são considerados por Niel como elementos da estrutura existencial de fundo que constitui o sistema EU-O OUTRO-O MUNDO ( “*MOI-AUTRUI-LE MONDE*”). Em relação a tal tríade, Niel explica que não se trata de enfatizar um EU especial; o que lhe interessa neste tipo de análise são as relações EU-O OUTRO-O MUNDO, campo privilegiado para a produção de fenômenos de pensamento e de ação que podem ser acompanhados ou não de reflexão e de sentimentos.

Assim, o EU seria o ser social, e o OUTRO, seu complemento natural, isto é, o “homem negativo”, que deve ser reduzido ou destruído. Nessa perspectiva, Niel condiciona a aparição de tais fenômenos a um conflito fundamental: “Superioridade X Inferioridade” ou “Vida X Morte”. Apesar da ruptura do EU, existe uma “pulsão universal” que continua a interagir; tal pulsão pede uma ação unificadora que se produzirá pela eliminação do “homem negativo”. Como a dupla “EU-O OUTRO” e a dupla “Vida/Morte” são irreduzíveis, só resta ao EU a possibilidade de minimizá-las.

Essas reduções (imaginárias) é que provocam as emoções do *pathos* primordial. Sempre acompanhadas por um sentimento eufórico de união, são chamadas de “êxtases” e podem se subdividir em: êxtases trágicos, mágicos, combativos e eróticos.

O êxtase trágico se verifica quando o conflito “Vida/Morte” é reduzido pelo espetáculo ou pelo sentimento da visão de morte. Em termos de escritura, pode ser encontrado tanto nas tragédias quanto nos *faits divers*.

O êxtase mágico funciona no sentido inverso: ele acontece quando se verifica o espetáculo da passagem da morte à vida. Pode ser encontrado nos contos de fada, por exemplo.

O êxtase combativo é o que alterna reduções ascendentes com descendentes, vitórias com fracassos. É um tipo de jogo bastante explorado pela mídia, em geral.

Finalmente, o êxtase erótico provém da projeção de uma relação sexual de união no imaginário solitário.

Estes êxtases ou reduções, ligados à construção/interpretação de certos textos de natureza passional e conflituosa, fazem apelo ao patético.

Segundo Niel, o leitor do *fait divers* é um consumidor feliz de efeitos patéticos e seu prazer é como um fio contínuo que ele não faz questão de romper. Daí o jogo que se estabelece entre o leitor e o *scripteur* do *fait divers*, jogo que os torna cúmplices, um sabendo o que esperar do outro...

Partindo desses conceitos e a título ilustrativo, gostaríamos de analisar, rapidamente, não um *fait divers* mas uma brincadeira sobre o gênero: trata-se de um desenho de humor, feito por Claire Bretécher. Os quadrinhos em questão mostram – parodiando – como o conflito EU-O OUTRO-O MUNDO, com seus êxtases específicos, atua sobre o sujeito-receptor-personagem que chamaremos, seguindo o título da história, “Madame”. Assim, em “*Madame et le bonheur*”, vemos o cotidiano de um personagem feminino que busca, com evidente prazer, o consumo de vários *faits divers*, seja pela leitura (*vide* quadrinhos 1 e 5, p.98), seja pela escuta de notícias transmitidas pelo rádio (*id., ib., 2, 4,7 e 8, p.98-99*), seja através de conversas com vizinha (*id., ib., 6, p.98*), seja finalmente pela visualização e escuta de tais notícias pela televisão (*id., ib., 3, 9 e 10, p.98-99*).

Observe-se seu ar extasiado, no quadrinho 2, escutando e/ou saboreando o *fait divers* que relata o naufrágio de três embarcações, por culpa do vento Mistral; observe-se também, no quadrinho 9, seu ar totalmente feliz e descontraído diante da televisão, ao tomar conhecimento de uma avalanche onde 40 padres jesuítas sumiram e, no quadrinho 10, ao saber do elevado número de vítimas (2017!) de acidentes no último fim de semana... No quadrinho 8, Madame bebe “à saúde” dos sete alcoólatras mortos...

A paródia<sup>5</sup> do “estilo *fait divers*” e do prazer de leitores/ouvintes do gênero, em “Madame et le bonheur”, é construída sobre dois pontos: (i) pela citação de enunciados próprios aos *faits divers* “sérios”, com a diferença de que tais citações são devidamente “maquiadas” seja pelo uso da hipérbole, seja pelas invenções lexicais (observe-se as indicações geográficas), sendo então utilizadas num contexto “não-sério”; (ii) pela ironia condensada no personagem Madame, com seu prazer (diante da desgraça alheia) explícito demais para ser “sério”.

Assim, o texto, por ser paródico, enfatiza o confronto<sup>6</sup> entre o EU-O OUTRO-O MUNDO representados, respectivamente: (i) “Eu”: o personagem título; (ii) “O Outro”: as vítimas dos acidentes cotidianos; (iii) “O Mundo”: a entidade *fait divers*, com seu culto à ruptura de tudo aquilo que quebra a harmonia (a monotonia?) da vida em sociedade.

Podemos também detectar, no mesmo texto, a presença de alguns tipos de êxtases: (i) o êxtase trágico, ligado ao personagem-título, do 1º ao 10º quadrinho; o conflito “Vida/Morte” é reduzido ou minimizado pelo espetáculo da morte do “outro”; (ii) também ligado ao personagem Madame, veremos o êxtase mágico, nos dois últimos quadrinhos: a dança de Madame configura a passagem da morte à vida; (iii) numa abordagem global, ligada ao mundo relatado nos quadrinhos, encontraríamos o êxtase combativo, onde nos são mostrados os altos e baixos da vida.

## E A ANÁLISE DE DISCURSO NISSO TUDO ?

Em termos da “Análise do Discurso Francesa” da 1ª geração – a que se construiu em torno de Michel Pêcheux – a Análise do Discurso vai ser nitidamente marcada pelo carimbo estruturalista. Basta citar o descaso com que é tratado o sujeito emissor ou receptor, relegado em função da voz exterior coletiva da chamada “Formação Discursiva”, que norteia o pensamento dos analistas do discurso na França, principalmente nos anos 60 e 70.

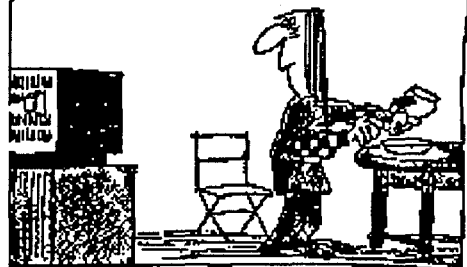
1 tentative de poutche étouffée dans l'œuf au Ghana. 30 exécutions sommaires.



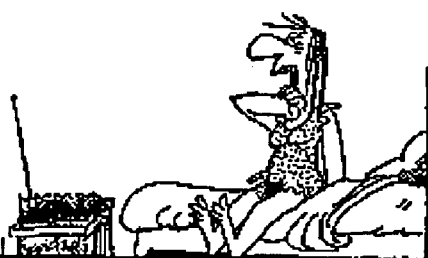
2 Mistral sur la Vendée, 3 caigales perdues en mer...



3 Séisme au Chili, 35000 scouts engloutis dans une faille...



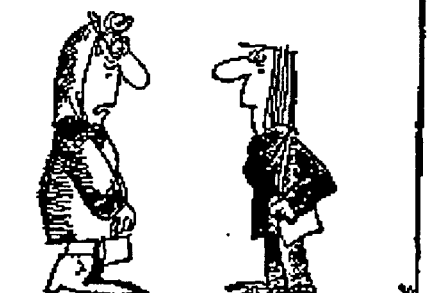
4 explosion en vol du Boeing le Kremlin-Bicêtre-Illig! pas de survivants...



5 "je t'aime trop" dit le forklène en lui déchargeant le contenu de sa camionnette en pleine potrine...



6 oui la pauvre madame Lemercier!... c'est l'oreille droite qui a lâché!







Em termos da Análise do Discurso da 2ª geração (onde é reivindicada, entre outras coisas, uma Teoria do Sujeito), o estruturalismo parece ser apenas um ponto perdido no horizonte. Mas tal sentimento merece ser reavaliado. A Semiologia,<sup>7</sup> mesmo sendo uma teoria nova, tem suas origens primeiras no pensamento de pesquisadores tais como Barthes e Greimas, entre outros. Daí ter valorizado certos aspectos que já tinham sido enfatizados pelos estruturalistas: basta verificar, para citar um caso, o trabalho de classificação ordenada que uma das “modalidades da organização discursiva”<sup>8</sup> da Semiologia, a modalidade dita “descritiva” oferece ou a necessidade de se fornecer aos pesquisadores, através da elaboração de grades, um modelo – aberto, é verdade – mas sempre um modelo de análise aplicável nos diferentes conjuntos de textos estudados.

Mas, neste artigo, gostaríamos de enfatizar outro aspecto “estrutural” que continua a ajudar nosso raciocínio como Analistas do Discurso. Foi por isso que escolhemos apresentar aqui a análise psico-estrutural e dinâmica de André Niel.<sup>9</sup>

Assim, observando a tríade EU-O OUTRO-O MUNDO, levantada pela análise de Niel, veremos que ela encontra um eco na tríade MUNDO(ele)-EU-TU recentemente evocada por P. Charaudeau (1992a). Charaudeau cita Benveniste que, com seus conceitos sobre a subjetividade da linguagem, contribuiu para deslocar a problemática da construção do sentido: este não se constrói mais tão somente na relação “Língua/Mundo”, mas numa relação triangular que faz a referência ao mundo (o proposicional) ser subordinada à intersubjetividade dos interlocutores (o relacional).

Em suma, a oposição “proposicional X relacional” produz uma mudança definitiva na maneira de se conceber a língua, oposição esta adotada pela moderna AD: a língua não tem por vocação quase exclusiva o fato de ser dirigida para o mundo referencial a fim de considerá-lo de modo factual. Mais que uma função de linguagem, é reconhecida uma outra vocação nesse aspecto, ou seja: *evidenciar a relação que se estabelece entre os parceiros do ato de linguagem.*

A título de ilustração, vamos retomar o texto “Madame et le bonheur”, numa perspectiva discursiva atual. Para começar, vamos esclarecer a posição dos quatro sujeitos atuantes do texto: assim, o *sujeito-comunicante* é representado pela autora dos desenhos, Claire Bretécher, que se dirige a um *sujeito-leitor-real*. Para tanto, Claire Bretécher criou um *sujeito-falante*, o “contador” da história; no mundo dos quadrinhos, acreditamos que tal sujeito possa ser representado pela entidade “desenho”. Este *desenho-contador*, com seu público interno, seus seres de papel (Madame e os outros personagens ou componentes do desenho) dirige-se a um *leitor-possível*. O caminho comunicativo desejado pelo *sujeito-comunicante* será atingido se houver uma coincidência entre o *sujeito-leitor-possível* e o *sujeito-leitor-real*, isto é, se este último decifrar a “voz” paródica do *desenho-contador*, com toda sua ironia e humor. Numa segunda etapa, poderíamos, então, aplicar os *Modos de organização do discurso* no texto.

## CONCLUSÃO

Quisemos neste estudo apenas dar um panorama dos passos de uma abordagem discursiva. É sempre bom lembrar que o trabalho em AD é centrado sobre um *corpus* preciso e não sobre textos isolados, o que não impede, no entanto, que algumas das técnicas da análise discursiva sejam abordadas em interpretações textuais.

Enfim, para que a relação entre os parceiros de um ato de linguagem pudesse ser revista e reformulada para ser finalmente utilizada em termos de significação discursiva, como tentamos esboçar nos dois parágrafos precedentes, foi necessário um longo caminho, pontilhado pela experiência de vários pesquisadores, com suas diferentes análises e, entre elas, a estruturalista.

Concluindo: o estruturalismo – e poucos ainda duvidam disso – foi um movimento fértil, pois deu lugar a inúmeras reflexões. Foi aliás o que Lacan previu ao dizer: “Le Structuralisme durera ce que

durent les roses, les Symbolismes et les Parnasses: une saison littéraire, ce qui ne veut pas dire que celle-ci ne sera pas féconde.”<sup>10</sup>

## NOTAS

\* Comunicação apresentada no “Simpósio Nacional Interdisciplinar - Estruturalismo: Memórias e Repercussões”, em Março/95, na FALE/UFMG.

<sup>1</sup> Não traduzimos para o português o sintagma francês “*fait divers*” pelo fato de já poder ser encontrado, com a grafia francesa, no Dicionário Aurélio (edição 1986).

<sup>2</sup> A tradução é nossa.

<sup>3</sup> *Id., ib.*

<sup>4</sup> *Id., ib.*

<sup>5</sup> Note-se que a paródia, como o diz Claude Abastado (1988), “é uma escritura de conotação, que oferece, além de um significado imediato, direto, um significado segundo, o texto parodiado” (p.164; a tradução é nossa). Assim, a paródia feita por Claire Bretécher é um discurso de humor irônico que toma por objeto outros discursos, os dos *faits divers*, transformando-os.

<sup>6</sup> Confronto que, em *faits divers* “sérios”, talvez não fosse tão explicitamente apresentado.

<sup>7</sup> Teoria discursiva criada por Patrick Charaudeau em 1983.

<sup>8</sup> Os modos de organização do discurso, segundo Charaudeau (1992b), constituem um dos dispositivos próprios ao “ato de comunicação”. *Grosso modo*, tais modos estariam ligados aos princípios de organização da matéria lingüística, princípios estes que dependem da finalidade comunicativa específica do sujeito falante e/ou comunicante: enunciar, descrever, narrar, argumentar.

<sup>9</sup> A análise em questão foi por nós aplicada em tese de Mestrado (1985) centrada sobre o estudo dos *faits divers*. Na ocasião, nossa preocupação maior não era ainda a AD propriamente dita, mas a análise de textos baseada em conceitos oriundos da lingüística textual. Mas, relendo nosso trabalho - onde, por vezes, nos baseamos em Lacan, Barthes, Benveniste, Niel..., ou seja, em “seres” vindos do estruturalismo - encontramos certas afinidades com o que hoje fazemos, em termos de pesquisa discursiva.

<sup>10</sup> Citação, em francês, feita por Eduardo Prado Coelho (1967).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABASTADO, Claude. Situation de la parodie. *Dérives des signes*. Paris: Publidix, 1988.
2. BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil, 1973.
3. BRETÉCHER, Claire. *Salades de saison*. Québec: Dargaud, 1979.
4. CHARAUDEAU, Patrick. Des conditions de la mise en scène du langage. *L'esprit de société*. Bruxelles: Mardaga, 1992a.
5. \_\_\_\_\_. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992b.
6. LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
7. MACHADO, Ida Lúcia. *Les faits divers et leur application pédagogique*. São Paulo: USP, 1985. 330 p. (Dissertação, Mestrado em Língua e Literatura Francesas).
8. MAINGUENEAU, Dominique. *Nouvelles tendances en Analyse du Discours*. Paris: Hachette, 1987.
9. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signes*. Paris: Gallimard, 1960.
10. NIEL, André. *L'Analyse structurale des textes*. Paris: Mame, 1973.
11. PRADO COELHO, Eduardo (Org.) *Estruturalismo - Antologia de textos teóricos*. Lisboa: Portugália Ed., 1967.